

**DOS MEDOS E MISTÉRIOS AOS DIVERTIMENTOS: A TRANSFORMAÇÃO DO
OLHAR IMIGRANTE ALEMÃO SOBRE A NATUREZA EM BLUMENAU (1853-
1911)**

**FROM FEARS AND MYSTERIES TO AMUSEMENTS: THE TRANSFORMATION
OF THE GERMAN IMMIGRANT VIEW ON NATURE IN BLUMENAU (1853-1911)**

**DE LOS MIEDOS Y MISTÉRIOS A LOS DIVERTIMENTOS: LA
TRANSFORMACIÓN DE LA VISIÓN DE LOS INMIGRANTES ALEMANES SOBRE
LA NATURALEZA EN BLUMENAU (1853-1911)**

FURTADO, Heitor Luiz Furtado
heitorfurtado@univali.br
Univali – Universidade do Vale do Itajaí
<https://orcid.org/0000-0003-4973-7161>

QUITZAU, Evelise Amgarten
evelise.quitzau@ufv.br
UFV – Universidade Federal de Viçosa
<https://orcid.org/0000-0001-9789-6488>

MORAES E SILVA, Marcelo
marcelomoraes@ufpr.br
UFPR – Universidade Federal do Paraná
<http://orcid.org/0000-0001-6640-7952>

RESUMO O presente artigo analisou como a transformação do olhar do imigrante alemão sobre natureza repercutiu na utilização dos espaços ao ar livre como locais de divertimento na cidade de Blumenau, Santa Catarina. As fontes utilizadas foram os relatórios escritos pelo diretor da colônia, bem como cartas, imagens e diários. As análises evidenciam que o desenvolvimento da colônia e da posterior cidade possibilitou novas interpretações e entendimentos sobre a relação indivíduo/natureza/educação. A título de conclusão, aponta-se que a pequena localidade foi aos poucos necessitando gerenciar cada vez mais os perigos e mistérios da natureza, o que resultou na formação de novos modos de ver, olhar e utilizar a natureza.

Palavras-chave: Imigração. Natureza. Divertimentos.

ABSTRACT This article analyzed how the transformation of the German immigrant's view of nature had repercussions on the use of outdoor spaces as places of amusement in Blumenau in Santa Catarina. The selected sources were reports written by the colony's director, letters, images, and newspapers. The analyses indicate that the colony's development into a city allowed new interpretations and understandings

about the relationship between individuals, nature, and education. As a conclusion, it is pointed out that the small town gradually needed to manage more and more the dangers and mysteries of nature, which resulted in the formation of new ways of seeing, looking at and using nature.

Keywords: Immigration. Nature. Amusements.

RESUMEN Este artículo analizó cómo la transformación de la visión de la naturaleza del inmigrante alemán repercutió en el uso de los espacios exteriores como lugares de divertimento en Blumenau. Las fuentes utilizadas son informes escritos por el director de la colonia, cartas, imágenes y diarios. Los análisis indican que el desarrollo de la colonia, y posteriormente de la ciudad, posibilitó nuevas interpretaciones y comprensiones sobre la relación individuo/naturaleza/educación. Como conclusión, se señala que la pequeña ciudad paulatinamente necesitó manejar cada vez más los peligros y misterios de la naturaleza, lo que resultó en la formación de nuevas formas de ver, mirar y utilizar la naturaleza.

Palabras clave: Inmigración. Naturaleza. Divertimentos.

1 INTRODUÇÃO

A fundação da colônia Blumenau situa-se, segundo Seyferth (1990), em um contexto da chegada de imigrantes alemães à então província de Santa Catarina. A autora salienta que, excluídos os açorianos e portugueses que chegaram após a independência do Brasil, o primeiro grande contingente imigratório mais ou menos constante foi de germânicos. Segundo Luebke (1987) e Seyferth (1994), o ano de 1824 é considerado o marco da imigração alemã para o Brasil, com a criação do primeiro núcleo bem-sucedido na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Já em Santa Catarina, a chegada ocorreu a partir de 1829, na Colônia de São Pedro de Alcântara, atual região de Florianópolis. A localização inadequada e o despreparo daqueles imigrantes para a vida rural culminaram na saída desse grupo em busca de áreas mais favoráveis para o seu estabelecimento. Para Seyferth (1990), após esse primeiro movimento colonizador, a imigração foi retomada de forma mais significativa a partir de 1845, tendo como característica o sistema de colonização organizado na pequena propriedade familiar.

Seyferth (1990, 1994) salienta que, embora o primeiro núcleo colonial fundado por imigrantes alemães tenha sido na Bahia, em 1808, sua maior concentração aconteceu em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. A autora indica que, nessas duas províncias do sul do Brasil, os imigrantes germânicos se instalaram nas áreas

de florestas localizadas entre o litoral e o planalto, longe das regiões de grandes propriedades, pertencentes, sobretudo, a luso-brasileiros.

Para Siriani (2005), muitos imigrantes teutos, ao aportar em terras brasileiras, foram encaminhados para localidades sem infraestrutura, com terras impróprias para o cultivo e sem o apoio do governo imperial, como a Região Nordeste. Isso levou alguns grupos a abandonar tais lugares e se dirigir a outras áreas. Por sua vez, colônias como Blumenau e Joinville obtiveram êxito em seus processos de desenvolvimento; influenciadas por suas condições geográficas e climáticas, transformaram-se em cidades referências de Santa Catarina.¹

Foi em tal contexto, no ano de 1850, que se iniciou, por intermédio de Hermann Bruno Otto Blumenau, o processo de colonização do Vale do Itajaí. Dr. Blumenau, como era conhecido, chegou à região com mais 17 imigrantes alemães, tendo encontrado boas condições para a instalação da colônia, principalmente pela fertilidade do solo e por sua localização geográfica, às margens do Rio Itajaí-Açu (PETRY, 1988; SEYFERTH, 1994).

Sendo assim, Blumenau foi se estabelecendo aos poucos, e seus habitantes, majoritariamente alemães, adaptaram-se ao clima e às condições de vida da região. Esse processo trouxe consigo novos hábitos e costumes, que se materializaram nos modos de viver e se comportar, bem como em novos processos de educação, que transcendiam espaços formais como escolas e igrejas (ROSSBACH, 2008; FURTADO; QUITZAU; MORAES E SILVA, 2018, 2021, 2022a, 2022b). Tais processos educativos, conforme evidenciam Villaret e Saint-Martin (2004), Saint-Martin (2014), Medeiros e Soares (2017), Moraes e Silva, Quitzau e Soares (2018), Quitzau e Soares (2019), Vigarello (2020) e Grün (2021), não se restringem ao espaço escolar, podendo ocorrer em diversos locais, como, por exemplo, nos espaços ao ar livre e junto à natureza.

Para este artigo em específico, o olhar direcionou-se para os divertimentos a partir das relações com a natureza. Nesse sentido, a pesquisa foi norteadada pela seguinte problemática: como as interpretações dos imigrantes alemães em relação à

¹ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Joinville é a maior cidade do estado de Santa Catarina em número de habitantes (população estimada em 583.144 pessoas) e caracteriza-se por ser um importante polo industrial. Já Blumenau conta atualmente com cerca de 350 mil habitantes e é considerada a cidade mais proeminente do Vale do Itajaí (IBGE, 2020).

natureza contribuíram para o surgimento de novas formas de divertimento em Blumenau entre os anos de 1853 a 1911? A fim de alcançar o objetivo proposto, os documentos selecionados foram obtidos de uma série de fontes que se relacionam à cidade de Blumenau, notadamente aqueles ligados às práticas na natureza. A coleta do material ocorreu no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Dentre as fontes utilizadas para a pesquisa, destacam-se os relatórios produzidos pelo então diretor da Colônia, Dr. Blumenau, bem como as cartas e os diários enviados à Alemanha pelos imigrantes instalados na localidade.

Para Alves (2003) e Cunha (2018), as cartas e os diários são fontes com grande potencialidade historiográfica, visto que são documentos que expõem as subjetividades de quem os escreve, bem como materializam olhares e experiências do cotidiano. Essa tipologia de fonte se constitui em um recurso analítico interessante, pois corporifica as representações produzidas pelos imigrantes em relação ao Brasil. Além disso, contribuem para uma análise mais aprofundada das visões, interpretações e sentimentos dos novos habitantes em relação ao território brasileiro. Outro tipo de documentação utilizada foi a fotografia. A seleção das imagens buscou contribuir para o desenvolvimento da narrativa, haja vista corresponderem a outro tipo de comunicação, que permite expressar impressões que, em forma de palavras, talvez ficassem limitadas. Burke (2017) aponta que as imagens evidenciam certas mudanças, padrões, ideais de beleza, saúde e doença. Para o autor, as fotografias nos permitem pensar no passado de maneira mais vívida, rompendo com a ideia de serem apenas meras ilustrações.

2 DA NATUREZA AMEDRONTADORA A UMA CIDADE MAIS MODERNA: A ESTRUTURAÇÃO DE ELEMENTOS URBANOS EM BLUMENAU

Finalmente, aportamos pela última vez! Perto da embocadura do Garcia os botes acostaram e o patrão – o próprio Dr. Blumenau – disse: ‘Não ir adiante! Aqui ser Blumenau’ [...]. Diante de nós víamos apenas um pedaço de terra desmatada, cheia de capoeira. Aproximamo-nos da margem e procuramos a cidade de Blumenau. Pai do Céu! Onde finalmente ficava a cidade? E mesmo que não fosse uma grande cidade, mas pelo menos fosse uma cidadezinha, ou, no mínimo, uma pequena aldeia. Nada disso! [...] Era somente ranchos,

ou melhor, choupanas, erigidas à maneira brasileira, que em parte ainda estavam abertas. Isso era o *Stadtplatz*² de Blumenau (IMIGRANTE, 1991d).

A cidade de Blumenau, atualmente, conta com uma população de aproximadamente 360 mil habitantes, mas outrora fora uma pequena vila acanhada em meio à Mata Atlântica, como a encontrada pelo imigrante em sua chegada à colônia, no ano de 1856. A relação com o espaço, o confronto com os índios, a necessidade do trabalho no campo, o isolamento espacial e os costumes trazidos do velho continente foram elementos importantes no cotidiano dos colonos alemães recém-chegados a Blumenau. O relato a seguir apresenta as impressões iniciais de um imigrante sobre a localidade:

Não sei descrever o vagalhão de impressões que me invadiu ante o estranho ambiente que me deparava. Era tudo tão esquisito, tão diferente, a natureza, o céu, os costumes, os alimentos. [...] Todos nós nos sentíamos desambientados e uma grande nostalgia invadiu-nos o coração. Entretanto, não tínhamos tempo para dedicar-nos a sentimentalismos, pois o trabalho requeria todo nosso tempo e todo o esforço possível. (IMIGRANTE, 1991a).

O trecho acima demonstra as inúmeras dificuldades encontradas pelos imigrantes em seu novo lar, principalmente no que concerne às questões geográficas. O contato com a natureza, a diferença de temperatura, a alimentação, bem como os novos costumes contribuíram para o estranhamento com Blumenau e o surgimento de um sentimento de saudade da terra natal. Porém, esse espaço, que padecia de todos os insumos alimentícios, habitacionais e higiênicos, necessitava do trabalho diário dos colonos. Foi por meio da relação indivíduo-natureza que ocorreu o desenvolvimento da localidade, traduzindo-se, ao longo do tempo, em rupturas que possibilitaram a emergência de novas formas de pensar a relação com a natureza.

Em 1850, fundar uma colônia em meio a um vale na Mata Atlântica representava dar um novo sentido àquele lugar. Salienta-se que Blumenau, em seus primeiros anos de existência, não passava de um aglomerado de pequenas casas construídas de forma muito rudimentar. O diário de um colono imigrante fornece indícios sobre os novos significados que estavam sendo estabelecidos na localidade:

Aos domingos reunimo-nos ora na casa de um ou ora na de outro dos amigos e aí homens e mulheres discutem seus múltiplos problemas e todas as suas

² *Stadtplatz* pode ser definido com o centro da cidade. Um espaço aglutinador do comércio, dos estabelecimentos políticos e das principais residências da localidade (SEYFERTH, 1999).

apreensões. Gosto deste intercâmbio de ideias; poderia escutar horas a fio estas conversas, apreciando a grande experiência que todos em todos os sentidos, já adquiriram. Hoje, que também é domingo, fomos à casa de nosso vizinho mais próximo e aí, se falou muito nas grandes dificuldades que, ora, pesam sobre a nossa colônia. (IMIGRANTE, 1991b).

Andamos agora mais satisfeitos com nossas condições de vida. Mamãe está passando relativamente bem e meus irmãos, já bem crescidos, ajudam com grande aplicação, na roça e nos currais. Conseguimos criar alguns porcos e nossas galinhas nos fornecem grande quantidade de ovos. Papai orgulha-se muito de tudo que conseguimos realizar a custa do próprio esforço. E eu o admiro por sua incrível tenacidade e chamo de heroicos os esforços e as conquistas de todos os colonos de Blumenau. Aprendi a amar esta nova terra em que vivemos e procuro penetrar os segredos de suas misteriosas selvas, de toda a imensidão que nos envolve. (IMIGRANTE, 1991c).

Os relatos, datados respectivamente de 1854 e 1855, apontam para as transformações no modo de vida, notadamente no que diz respeito ao sentimento de pertencimento à nova terra. Apesar das fontes assinalarem referências aos labores no campo, ao cultivo de alimentos e à criação de animais, algumas rotinas mais comunitárias também foram mencionadas. Afinal, foi por meio de encontros com os familiares e parentes e de idas aos cultos religiosos que paulatinamente os imigrantes alemães produziram novas formas de sociabilidade em Blumenau.

Nesse período, a imigração era composta de indivíduos que vieram para se estabelecer definitivamente em Blumenau. Para Seyferth (1990), esse tipo de migração germânica apregoava a necessidade da formação de uma “nova pátria”, que se materializava na noção de *Heimat*. Segundo a autora, esse termo deriva de *Heim* (lar) e significa que a pátria de um indivíduo é seu lar. Dessa maneira, a *Heimat* poderia ser construída em qualquer lugar, inclusive em um continente distante do seu país de origem. Sendo assim, a satisfação em viver em um lugar tão distante e diferente da terra natal estava atrelada à manutenção de elementos trazidos do Velho Continente. A língua, os costumes, as crenças e os modos de viver marcadamente alemães seriam pontos a cultivar e contribuiriam para a construção do novo lar em terras longínquas.

O isolamento geográfico em meio à Mata Atlântica e a homogeneidade étnica marcada pela presença dos colonos alemães foram características que contribuíram para a construção da nova pátria em solo brasileiro. Era possível construir uma Alemanha no Brasil. Os encontros, as conversas, as trocas de informações e o cultivo de hábitos e costumes trazidos da Europa, que se materializavam na língua, nos trajes

e nos divertimentos, contribuíram para a construção de uma identidade germanizada em terras brasileiras (PETRY, 1988; ROSSBACH, 2008; FURTADO; QUITZAU; MORAES E SILVA, 2018, 2021, 2022a, 2022b). Dessa forma, as cartas enviadas aos familiares na Europa fornecem importantes indícios de como os imigrantes estavam construindo esse pertencimento ao seu novo lar:

Aqui tivemos chuvas, ou tempo frio e chuvoso, na maior parte de tempo [...] O primeiro tempo na mata virgem nem sempre transcorre conforme se espera. Com o calor, entretanto, não há maiores dificuldades, pois, a gente se acostuma depressa - perde-se a boa côr, que mais tarde se recupera, talvez devido a alimentação, ou por não estar acostumado as frutas tropicais. Animais selvagens, como tigres e onças, existem poucos aqui, pois são tenazmente perseguidos, por abaterem, por vezes, bezerros ou porcos à noite nos pastos, dando preferência, entretanto, aos cachorros. [...] Tôdas essas fêras, entretanto, serão exterminadas dentro de pouco tempo. (WEISE, 1963, p. 96).

Como visto, a preocupação com o clima era uma questão corriqueira, pois no inverno chovia torrencialmente, e no verão o calor era excessivo. Além disso, a carta revela a inquietação do imigrante com a natureza, pois Blumenau se encontrava no interior de uma mata selvagem com a presença de animais silvestres. Porém, essa natureza logo seria dominada, fosse por meio de uma melhor distribuição espacial, fosse pelo uso da força, notadamente pela utilização de armas de fogo. Nesse período, a posse de armamento oportunizava para o imigrante maior segurança diante de possíveis ataques de indígenas e de animais selvagens (FURTADO; QUITZAU; MORAES E SILVA, 2018, 2021, 2022a). Vale destacar que a população autóctone era vista como uma ameaça pelos imigrantes, da mesma forma que este grupo era visto como invasor pelos indígenas, que ocupavam o local há muito mais tempo que os colonos oriundos da Alemanha.³

Era principalmente no âmbito privado, em períodos recortados do trabalho no campo, que as famílias usufruíam de seus momentos de diversão. Tais ocasiões eram inicialmente destinadas a leituras, cantorias, contação de estórias e/ou conversas ao redor da mesa. Esses elementos enfatizavam valores identitários em torno de uma

³ Peres e Nötzold (2011) argumentam que os confrontos entre os indígenas e os imigrantes remontam principalmente à segunda metade do século XIX, quando os últimos chegaram ao Brasil e tomaram posse de terras em territórios da Província de Santa Catarina. Esse período de hostilidade foi marcado, muitas vezes, por enfrentamentos de imigrantes armados contra indígenas, assim como pela disseminação de discursos que construíam uma imagem do indígena como selvagem e incivilizado.

comunidade idealizada como alemã. Foi a manutenção dessa identidade que, inclusive mais à frente, resultou na criação de associações destinadas, por exemplo, aos cantos e corais, ao tiro e à ginástica (PETRY, 1988; ROSSBACH, 2008; FURTADO; QUITZAU; MORAES E SILVA, 2018, 2021, 2022a, 2022b).

De uma mata fechada até a instalação de pequenas plantações e campos produtivos, a natureza, até então intacta, habitada por índios e animais selvagens, passou por um profundo processo de transformação. Para o desenvolvimento de Blumenau, foi preciso dominar e controlar a natureza, a fim de que seus perigos fossem minimizados. A necessidade de trabalhar essas terras exigiu uma aproximação cotidiana com a natureza, que de fonte de medo e desconfiança se transformou em algo digno de exaltação e contemplação. Assim, poucos anos após a chegada dos primeiros imigrantes, Blumenau já apresentava mudanças significativas. O seguinte trecho de uma carta evidencia essa metamorfose:

Já se passou muito tempo da última vez que te escrevi [...]. Agora mesmo, enquanto te escrevo, lembro a nossa situação, [...] e vejo, então, que não apenas as nossas próprias condições melhoraram muito, mas que toda a Colônia teve um desenvolvimento tal que pode encher de satisfação e orgulho o peito de todos os moradores. A mata bruta sentiu bem os efeitos do machado e cedeu lugar a campos produtivos e a plantações de cana-de-açúcar e de café. Passa-se, agora, de um colono para o outro, por caminhos bons e não se precisa mais esperar às margens dos riachos e ribeirões por uma canoa para atravessá-los, pois há pontes pelas quais se pode fazê-lo sem perda de tempo e com segurança. [...] *Uma das causas principais do florescimento da Colônia Blumenau, segundo o meu modo de ver, se deve ao fato de ser habitada quase exclusivamente por alemães, conservando assim, os costumes, a língua e sobretudo a atividade e persistência dos alemães.* (IMIGRANTE, 1991c, p. 196, grifos nossos).

A localidade, após as primeiras intervenções dos imigrantes, teve seu espaço mais racionalizado, possibilitando com isso a emergência de novas formas de sociabilidade. Os indivíduos se aproximavam cada vez mais, o isolamento diminuía e, com isso, a possibilidade dos encontros entre os moradores aumentava exponencialmente. Como salientado por Seyferth (1990), as condições gerais das colônias, em suas primeiras décadas de vida, foram marcadas pela insegurança gerada por problemas fundiários e pelas deficiências dos serviços públicos essenciais. Segundo a autora, esse quadro de carência acabou por resultar numa forte organização comunitária, que serviu de respaldo ideológico para um dos temas mais difundidos no discurso étnico: o trabalho alemão. Esse discurso também produziu o

enaltecimento de uma retórica que se referia a essa colonização como uma empreitada muito bem-sucedida. Gestava-se assim, conforme indica Moog (1966), a figura heroica do colono pioneiro, que, por meio de seu trabalho árduo, transformou a selva brasileira em um local de prosperidade e civilização.

Thomas (1996) salienta que, historicamente, o domínio da natureza é uma meta incontestada do trabalho humano. O autor indica que um dos principais momentos de modificação no modo de dominar a natureza estabeleceu-se por ocasião da emergência das grandes cidades europeias, principalmente pela rígida diferença criada entre a esfera urbana e a rural. Suas análises ainda sustentam que o espaço citadino passou a ser considerado como sinônimo de civilidade, em contraposição à imagem das áreas rurais, que tinham uma representação ligada à rudeza e à rusticidade. Existiu, portanto, no contexto da imigração alemã em Blumenau, essa intenção de integrar o indivíduo ao espaço urbano. A cidade de moldes alemães que estava sendo gestada seria então o berço do aprendizado, das boas maneiras, do gosto e da busca, mesmo que de forma inicial, por maior sofisticação. Contudo, a natureza era ainda bastante intocada nessa localidade catarinense, apesar das primeiras intervenções, que gradualmente forneciam novas percepções e suscitavam diferentes formas de sociabilidade, conforme indica o relato de um imigrante:

As florestas de Blumenau são ricas de grandes árvores e como a colônia é cortada de cursos d'água, há facilidades para a instalação de engenhos de serrar. Quanto ao clima, tenho também que testemunhar de que me sinto satisfeito. Os meses mais quentes são os de janeiro, fevereiro e março, que constituem a força do verão. Há, naturalmente, durante esta época do ano comumente de 7 a 10 horas da manhã um forte calor, mas também, e só neste tempo, sopra um vento fresco do mar, o que purifica o ar e alivia o corpo, de sorte que se suporta qualquer serviço durante todo o dia [...] A natureza ostenta sempre o seu magnífico verde, só que no tempo do verão o verde é mais escuro do que nos meses de inverno [...] Nós alemães nos acostumamos logo a um tão soberbo espetáculo da natureza quando os raios cortam o espaço e a trovoada roça furiosamente. (IMIGRANTE, 1991d, p. 200).

A possibilidade de habitar uma localidade em meio à Mata Atlântica surge na fala do imigrante não mais como algo perigoso, amedrontador e insalubre, mas sim como um espetáculo encantador. A floresta era rica em diferentes tipos de árvores, cortada por cursos d'água, oferecendo ao imigrante um conjunto variado de experiências sensoriais. O frescor do vento e a contemplação de diferentes tipos de

vegetação evidenciavam que uma nova sensibilidade em relação à natureza havia sido gestada.

Percebe-se que, em seus dez primeiros anos, o desenvolvimento da colônia, de certa forma, foi equilibrado, e as condições de vida, apesar de progredirem, eram ainda bastante precárias. Dos primeiros 17 imigrantes que iniciaram a colônia em 1850, a localidade passou a contar com 679 em 1858 (BLUMENAU, 2002). Algo importante de ser mencionado é que, em 1860, Blumenau deixava de ser uma colônia particular do Dr. Blumenau para se tornar um empreendimento oficial do Império brasileiro (MACHADO, 2007). Mesmo com o pequeno número de habitantes, se comparada a outras cidades do período, Blumenau ansiava em se urbanizar.

No fim de 1861, conforme aponta Petry (1988), a colônia tinha 1.484 habitantes, dos quais quase todos eram de origem alemã. Em 1862, a população aumentou ainda mais, atingindo 2.058 habitantes, a maior parte de origem germânica. Um fato que merece destaque nesse processo de desenvolvimento da colônia é a menção à existência de uma sociedade de atiradores com aproximadamente 80 participantes, bem como de duas instituições de canto e uma associação de cultura, no relatório de Dr. Blumenau (2002) sobre o ano de 1860.

Se anteriormente os divertimentos estavam atrelados principalmente ao âmbito da vida privada e aos encontros entre vizinhos, com o desenvolvimento da localidade, passaram a fazer parte da esfera pública, potencializados por associações criadas com distintas finalidades. Foi em tais estabelecimentos que os divertimentos começaram a passar por um profundo processo de ressignificação. A Sociedade de Atiradores, com seus bailes, desfiles e competições de tiro, e os encontros musicais organizados pelas associações de canto produziram novas formas de sociabilidade no cotidiano blumenauense.⁴ A vida não era mais tão monótona nem se resumia apenas ao cultivo das plantações, aos cuidados com os animais e aos afazeres domésticos. Passou a ser possível também usufruir de divertimentos que se traduziam em momentos de alegria e celebração. Nesse contexto, segundo apontam Furtado, Quitze e Moraes e Silva (2018, 2021, 2022a), destaca-se a criação, em 1873, da

⁴ Rossbach (2008) indica que a *Schützenverein Blumenau* foi fundada em 2 de dezembro de 1859, com a realização da primeira *Schützenfest*, e passou a concentrar boa parte da vida social, recreativa e cultural dos habitantes da recém-fundada colônia.

Turnverein Blumenau, cujo objetivo era fomentar a prática da ginástica na localidade. Tal instituição exerceu importante papel na criação de novas experiências corporais em meio à natureza.

Essas associações organizaram divertimentos que acabariam por estabelecer novos parâmetros sobre a vida cidadina. Suas festividades, seus bailes e desfiles traduziam um certo ‘relaxamento’ à rotina diária dos habitantes de Blumenau. Segundo Furtado, Quitzau e Moraes e Silva (2018, 2021, 2022a), o surgimento de sociedades, com suas diferentes finalidades, reconfigurou a organização social da localidade, o que permitiu a emergência de novos códigos de comportamento.

3 DA COLÔNIA À PEQUENA CIDADE: A EMERGÊNCIA DE NOVAS FORMAS DE COMPORTAMENTO

Ao problematizar o desenvolvimento de Blumenau, Machado (2007) argumenta que, para transformar os colonos em indivíduos mais produtivos, foi preciso constituir uma série de técnicas, dentre as quais o controle da ociosidade. Sendo assim, começaram a circular na cidade discursos que enfatizavam o desejo de transformar Blumenau em um local cada vez mais urbanizado. Em carta datada de 1867, um imigrante salientava a estima em viver na cidade catarinense, muito disso em virtude do progresso que a localidade estava conquistando:

Não é que estejamos gostando desta terra, mas tudo que tu nos escrevestes nos é tão familiar, que parecia que estávamos presentes aos passeios e aos afazeres que nela nos relatastes [...] mas apesar de tudo isto, gosto imensamente deste torrão de terra que antes era uma selva hostil e traiçoeira e que pelos esforços de meus braços e minhas mãos que agora se ostentam calejadas, está sendo dominada pouco a pouco e já aponta, como tributo do meu suor e minha perseverança, o começo dos primeiros fruto, cuja colheita me dará a satisfação de não ter sido inútil o meu sofrimento e meu trabalho. [...]. Não poderás fazer uma ideia das dificuldades que um colono passa nos primeiros anos na mata virgem, onde tudo, mas tudo, lhe falta e onde além do esforço físico quase sobre-humano é necessária uma fé inquebrantável na vitória final, para não desanimar logo nos primeiros dias [...]. Mas também não compreenderás a satisfação que a gente sente ao apreciar sua roça, sua pequena horta e o rancho primitivo com os toscos “móveis”, tudo feito por nossas próprias mãos. [...]. Aqui tudo é virgem, tudo é novo, as forças da natureza ainda não foram dominadas pelo homem, a terra fértil está à espera para receber o tratamento carinhoso do lavrador e a semente por ele lançada, para então presenteá-lo com os frutos que garantem a sua subsistência e formam os alicerces do bem-estar e de sua prole. (IMIGRANTE, 1968, p.154).

A fonte evidencia a valorização de uma moral do trabalho, oportunizada pela disciplina diária do imigrante alemão. Além disso, a carta aponta para a necessidade de domínio da natureza, afinal era preciso controlar seus malefícios e perigos. A natureza passava por um processo de racionalização, que era oriundo dos braços dos pioneiros imigrantes alemães. Era um claro movimento de desencantamento do mundo, conforme sinalizado por Weber (2004). Afinal, um espaço perigoso, misterioso e inóspito não possibilitaria condições para o progresso; ao contrário, somente com um desencantamento do mundo natural seria possível inserir novos elementos na rotina dos blumenauenses.

Rosbach (2008) e Furtado, Quitzau e Moraes e Silva (2018) salientam que, nesse período, a localidade já contava com um número considerável de sociedades culturais, religiosas e recreativas. Além do primeiro clube de tiro, o *Schützenverein Blumenau* (1859), outras associações foram criadas na cidade. Exemplos disso são as fundações da *Theaterverein* (Sociedade de Teatro Amador) no ano de 1860, da *Gesangverein* (Sociedade de Canto-Coro) em 1863, da *Culturverein* (Sociedade de Cultura-Agricultura) também em 1863 e da *Turnverein Blumenau* (Sociedade Ginástica) no ano de 1873.

Blumenau, no final do século XIX e início do XX, passava a ter ares um pouco mais modernos, proporcionando, segundo apontam Furtado, Quitzau e Moraes e Silva (2018, 2021, 2022a), a emergência de novas formas de divertimento. A cidade se desenvolvia a olhos vistos, exigindo de seus habitantes outras formas de comportamento. Tal transformação ocorreu de maneira gradativa e se materializou na rotina da pequena cidade catarinense. Na carta escrita por uma imigrante, datada de 1886, foram descritas algumas melhoras nas condições estruturais de Blumenau, bem como nas principais atividades exercidas em seu cotidiano:

Querida Josephine! Dizes que gostarias de dar uma olhada em nossa casa e seque consegues imaginar o nosso cotidiano. Já sabes que Gustav alugou uma casa considerada grande para os padrões locais. [...]. Está bem situada de frente para estrada principal, rodeada pelo jardim, pátio e pasto. Na parte da frente da casa em direção à rua estende-se uma varanda construída em madeira e palmito e coberta com telhas e desse modo podemos utilizá-la em dias de chuva. Nós a adoramos. A entrada da casa é ligada pelo lado por um pequeno corredor aberto que une a cozinha com a parte residencial. Um pequeno corredor nos leva diretamente à sala de estar, um ambiente grande que em outros tempos já foi uma venda. [...]. Aqui na sala está nosso piano de cauda, no lado oposto da janela o sofá estofado com palha de milho

rasgada por nós com garfos fortes, pois a crina de cavalo é muito cara [...]. Uma bonita mesa de costura perto da janela, porta-notas, uma mesinha para flores e uma grande estante para livros formam a mobília. O que mais ressalta é a estante de livros, mas que dá muito trabalho às crianças, pois precisam tirar o pó e revistá-las diariamente. Também aqui no Brasil ventilação, luz e higiene são os três fatores que põem os insetos em fuga. Mas enfim, nós os temos aqui. Acreditas que acabamos nos acostumando e já não são tão terríveis como no início? [...]. Nós mulheres, estamos ocupadas com a administração da casa e com a costura. Na parte da manhã Emilie leciona para as crianças em idade escolar e há algum tempo moças tomam parte das aulas [...]. A tarde descansamos até a hora do café. Depois crianças maiores praticam línguas estrangeiras e literatura com Emilie, as pequenas fazem suas lições ou tocam piano, às vezes passeiam a cavalo ou fazem uma visita, e assim chega a noite. Podes imaginar que uma mãe de 6 filhos nunca descansa. De vez em quando Gustav e eu temos tempo para sair a cavalo. À tardinha, às vezes o busco na Velha, e estas são minhas horas preferidas. Cavalgamos juntos pela floresta que gradativamente vai clareando e cada vez se apresenta de maneira diferente. Isto é bonito de se ver. À noite, após a ceia, estamos todos reunidos, cantando, conversando ou lendo (STUTZER, 1886, p. 9).

A carta demonstra que a saudade da terra natal parece ter sido superada, resultando na incorporação de outros hábitos no novo lar. As moradias já não eram mais tão improvisadas, evidenciando um aprimoramento da cultura material da localidade. Afazeres como cuidar da casa, educar as crianças, tocar piano e passear a cavalo passaram a fazer parte do cotidiano dos imigrantes alemães.

Existem indícios de que os teuto-brasileiros habitantes de Blumenau possuíam uma identidade germânica, porém cada vez mais hibridizada com a cultura brasileira, resultado tanto da incorporação dos elementos alemães trazidos e mantidos pelos imigrantes e seus descendentes como da adoção de hábitos e costumes na nova pátria. Tratava-se de uma nova configuração da cidade, fruto do aumento no número de habitantes e de uma maior organização dos seus elementos estruturais. Isso contribuiu para a elaboração de normas sociais mais bem definidas, possibilitando a emergência de novos tipos de divertimento, entre os quais aqueles realizados junto à natureza. Uma imigrante, num relato datado de 1886, descreveu a realização de um piquenique:

Vou falar do piquenique que fizemos esta semana na Velha e que foi ótimo. A sugestão partiu do Gustav e o tempo estava muito bom. Eu comentei isto com a Sra. e ela achou uma boa ideia. Convidamos mais de trinta pessoas. Quando Eva, eu e as empregadas chegamos lá levando a louça necessária, já havia uma fogueira à sombra da figueira, sobre a qual pendia, num galho de bambu, uma chaleira com água fervente. Minhas filhas haviam organizado tudo muito bem sob a orientação da Sra. Sch e de sua família. Meu marido

mandou fazer os bancos e mesas de palmito. O lugar escolhido encontra-se à beira da estrada nova que está sendo construída mata adentro. É um local amplo, limpo da vegetação rasteira, e as copas das árvores formam uma abóbada. A bandeira alemã pendia num palmito formando o portal de entrada deste abrigo verde. Meu primeiro pensamento foi: ah! se meu pai e Josephine pudessem ver isto! Realmente estava maravilhoso. As charretes, os cavalos, as mulheres em seus vestidos claros, tudo isto neste ambiente iluminado pela fogueira proporcionava uma visão singular e que jamais esquecerei. Nós nos divertimos muito. Enquanto fazíamos um passeio de reconhecimento pela mata, as crianças cantavam. Com a ajuda de alguns cavalheiros conseguimos atravessar o ribeirão da Velha pelos troncos de árvores. Caminhamos um longo trecho na estrada nova que era margeada pela mata. O que mais me encantou foi a exuberância das samambaias de todos os tipos e espécies. [...]. Do alto das árvores as bromélias vermelhas pendem feito erva daninha, e havia orquídeas das mais variadas espécies. Havia borboletas azuis, amarelas e coloridas e vez por outra se escutavam os papagaios. O único som que se ouvia era o murmúrio das águas escorrendo pelas pedras do ribeirão da Velha. [...]. Voltamos numa grande cavalgada com as charretes na frente seguidos pelos cavaleiros. Viemos devagar e passamos por nossas plantações de café, cana de açúcar, milho e rami. E que Deus abençoe! Então aceleramos o passo e numa curva se via toda marcha, uns abanavam para os outros e Eva batia palmas (STUTZER, 1886, p. 12).

Aquela natureza que causava medo e apreensão parece ter ficado no esquecimento. Descobrir e explorar a mata passava a ser considerada uma forma de conhecer melhor o novo lar. Os piqueniques se tornavam indícios contundentes, conforme indicam Jorge e Vaz (2016), de uma natureza mais controlada e de uma cultura mais modernizadora, além de serem também momentos importantes de festa e confraternização. A convivência com os outros indivíduos contribuiu para que novos divertimentos fossem estabelecidos em Blumenau. Pouco a pouco, a natureza passava por um processo de “reconstrução” e “ressignificação”. Tratava-se de liberar-se dos medos e dos perigos, oportunizando assim a emergência de novos olhares, atrelados à saúde, à educação e aos divertimentos, como apontado nos trabalhos de Villaret e Saint-Martin (2004), Saint-Martin (2014), Medeiros e Soares (2017), Moraes e Silva, Quitzau e Soares (2018), Soares e Santos Neto (2018), Quitzau e Soares (2019), Vigarello (2020) e Grün (2021).

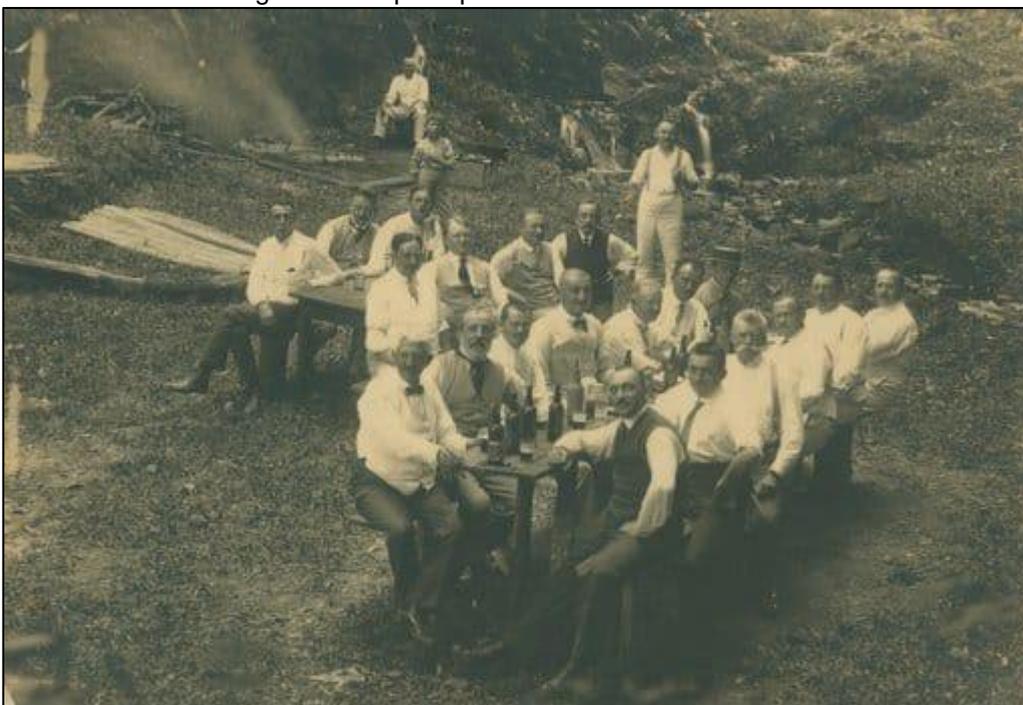
Sendo assim, as fotografias fornecem indícios singulares sobre essas práticas promovidas junto à natureza. A Figura 1, por exemplo, apresenta um piquenique realizado em 1908. Tais ocasiões poderiam contar com a presença de homens, mulheres e crianças (Figura 1) ou ser momentos específicos de homens (Figura 2):

Figura 1 – Piquenique realizado no ano de 1908



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau.

Figura 2 – Piquenique realizado no ano de 1910



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau.

As fotografias evidenciam a dimensão mais modernizadora dessas atividades, pois mostram indivíduos trajando um vestuário cuidadosamente escolhido para a

ocasião. Cabe destacar que as comidas, músicas e danças faziam parte das programações de tais encontros, que geralmente duravam um dia inteiro. A Figura 3 apresenta um desses eventos, destacando a presença de músicos, bem como o papel que as vestimentas possuíam. Tratava-se de um elegante encontro ao ar livre, no qual a natureza transformava-se, conforme evidenciam Medeiros e Soares (2017), em um espaço que poderia educar, curar e divertir:

Figura 3 – Piquenique realizado no ano de 1911



Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Fundação Cultural de Blumenau.

Dessa forma, tais encontros auxiliaram na construção de imagens e interpretações sobre a nova Blumenau. Era preciso recriar esse local, conhecê-lo com mais profundidade e, nesse novo ordenamento, divertimentos como os piqueniques contribuiriam para a consolidação de um novo ideário urbano. O que aconteceu na cidade catarinense foi uma ressignificação dos elementos da natureza, com a valorização de sua bondade e de seus valores educativos e regeneradores. Afinal, segundo argumenta Corbin (1990), uma história das sensibilidades se produz pela relação dos seres humanos com os elementos da natureza, fruto das sensações produzidas por distintas experiências sensoriais. Cabe destacar que esse ideário de vida ao ar livre, de uma natureza domesticada e inventada por uma nova ordem

urbana, fazia-se presente também no Brasil, misturando cura e divertimento, educação e saúde (MEDEIROS; SOARES, 2017; MORAES E SILVA; QUITZAU; SOARES, 2019; SOARES; SANTOS NETO, 2018). Mesmo em cidades de menor porte, como Blumenau, tais transformações também produziram um ideário de vida urbana em contato com a natureza.

Quitau e Soares (2019), apoiadas na obra de Thomas (1996), indicam que foi no século XVIII que se desenvolveu um ideário de vida ao ar livre, caracterizado pelo entendimento da natureza como uma generosa fonte de virtude e beleza, o que possibilitou a emergência de numerosas práticas educativas e terapêuticas. Villaret e Saint-Martin (2004), Saint-Martin (2014), Medeiros e Soares (2017), Moraes e Silva, Quitau e Soares (2018), Soares e Santos Neto (2018) e Vigarello (2020) salientam que, no tocante à natureza, aos poucos as possibilidades contemplativas deram lugar à experimentação e ao usufruto. No caso específico de Blumenau, o desenvolvimento dessas relações foi permeado por ideais de etnicidade e potencializado pela criação de distintas associações, principalmente aquelas voltadas para as práticas de tiro e de ginástica.

A *Turnverein Blumenau*, segundo indicam Quitau e Soares (2019), frequentemente propiciava aos seus associados passeios e excursões junto à natureza. As autoras salientam que, além dos exercícios ginásticos realizados no interior dos salões, a entidade também buscava desenvolver um ideário de vida ao ar livre. A fonte a seguir detalha uma excursão realizada pelos ginastas ao morro *Spitzkopf* no ano de 1904:

Quanto mais alto escalávamos – era de fato uma escalada –, mais a floresta perdia seu caráter tropical. As palmeiras desapareceram por completo, árvores gigantes eram cada vez mais esporádicas, mesmo a mata de corte era cada vez menor. Em seu lugar aparecia o incômodo mata alto. Uma verdadeira praga eram os carrapatos [sic] (piolhos do mata), que parecem ter previsto nossa chegada. [...] O último trecho até o cume foi recebido com vivas. Chegamos pouco depois de duas horas. A floresta tinha acabado, em seu lugar apareceram arbustos definhados e espinhos. Os olhos foram ofuscados pela passagem da escuridão da mata para a claridade do sol. Em cinco horas e meia tínhamos completado a subida. Na direção do interior, os olhos passeiam pelo interminável caminho de floresta, que apenas de vez em quando é interrompida por alguma pequena clareira. Como marcas de queimadura em roupas de pele, assim aparecem os homens em meio às plantas nesse gigante tapete de mata selvagem. No geral, tudo o que se vê é floresta [...] (EINE TURNFAHRT NACH DEM SPITZKOPF BEI BLUMENAU IN SÜD-BRASILIEN, 1904, p. 829-830).

A passagem indica que os ginastas buscavam usufruir de excursões em meios naturais. O relato apresenta descrições minuciosas dos elementos da natureza, bem como menciona as dificuldades impostas pelo percurso, destacando os sinais de civilização introduzidos pelos primeiros alemães a chegar em Blumenau, na metade do século XIX. Essa natureza densa pela qual os ginastas passavam proporcionava também momentos de contemplação ao longo do passeio. O panorama do Vale do Itajaí sinalizava a vitória da ocupação humana, fruto da persistência e do trabalho dos alemães (QUITZAU; SOARES, 2019). Chegar ao cume do *Spitzkopf*, portanto, dava aos ginastas elementos que lhes permitiam reforçar, entre os membros dessa comunidade, o imaginário do imigrante como um pioneiro que chegou à região para desbravar o espaço. Uma fonte jornalística datada de 1910 acrescenta alguns elementos interessantes:

SOCIEDADE DE GINÁSTICA:

Aproveitando um belíssimo dia ensolarado, os atletas desta sociedade, em número de 24 realizaram no dia 3 de outubro uma excursão ao morro denominado "*Spitzkopf*". Chegados à serraria do Sr. Schadrack, deixaram os carros e a pé começaram a escalada, subindo por uma boa picada pelo Morro Carabemba, até ao pé do morro *Spitzkopf*, de onde, após curto descanso continuaram a escalada, já bem mais penosa. Os primeiros chegaram pelas 17 horas ao topo do morro de onde se tem uma bela vista para todos os lados'. Logo em seguida os excursionistas trataram de fazer um fogo e esquentar a água para o café como também para assar o churrasco. Conforme fora combinado com os que ficaram na cidade, pontualmente às 19 horas foram dados sinais de luz, mediante queima de fogos: de bengala de luz vermelha, respondendo os excursionistas com fogos de luzes vermelha e verde, que foram bem vistos de parte a parte. Além disto podiam ver do alto do *Spitzkopf* as luzes da cidade, como também luzes em Gaspar e pela banda de Brusque. O céu estava claro e estrelado e no dia seguinte após apreciar o alvorecer e nascer do sol, bem como toda a paisagem até o mar no horizonte, fizeram a leitura da altitude, mediante o aparelho, contrastando ter o morro uma altura relativa de 840 metros e uma altitude de 860 metros acima do nível do mar. (DER URWALDSBOTE, 1910).

A notícia indica que a subida do morro era acompanhada de elementos típicos de uma sociedade que se modernizava. Ir de carro até o sopé da colina, para posterior subida, a queima de fogos como sinal de chegada ao cume, a visualização das luzes da cidade e a mensuração clara e precisa de sua localização demonstram um domínio incontestável sobre a natureza. Foram em ocasiões como essa que os associados gradativamente produziram novas gestualidades, passando até mesmo a serem chamados de atletas e excursionistas, o que evidencia que práticas mais

racionalizadas haviam se instalado em Blumenau. Subir o *Spitzkopf* era uma possibilidade de visitar a natureza agora mais controlada pela mão humana, fruto do trabalho diário diante das demandas do cotidiano e da construção de uma nova mentalidade em relação ao corpo. Nesse sentido, pode-se dizer que a *Turnverein Blumenau*, além de fomentar a ginástica e os esportes na cidade, também contribuiu para novas ressignificações dos espaços locais, possibilitando aos habitantes um conhecimento mais detalhado da cidade onde viviam.

Para Quitzau e Soares (2019), os passeios e as excursões junto à natureza foram utilizados por essas instituições como uma forma de conhecer melhor a *Heimat*, o novo lar que haviam adotado. As autoras argumentam que esse ideário de vida ao ar livre apresentava uma forte dimensão educativa, indo ao encontro das ideias defendidas por educadores, cientistas, artistas e médicos brasileiros, o que ajudava a consolidar todo um ideário relativo ao cuidado com o corpo na cidade catarinense, que posteriormente contribuiria, conforme sinalizam Furtado, Quitzau e Moraes e Silva (2018, 2022b), para a adoção de práticas como a ginástica e os esportes.

5 CONCLUSÕES

A partir das fontes coletadas e analisadas, percebe-se que o desenvolvimento de Blumenau possibilitou novas interpretações e entendimentos sobre a relação indivíduo/natureza. Decorrente de sua localização geográfica, encravada no interior da Mata Atlântica, marcada pela forte presença dos indígenas, bem como pelo perfil do imigrante alemão, a pequena localidade foi dominando cada vez mais a natureza.

Foi a partir desse crescente controle sobre a natureza que novas formas de divertimento foram se estabelecendo em Blumenau. Essa nova interpretação dos espaços ao ar livre oportunizava a sistematização de novos olhares sobre a localidade. Tratava-se de um outro entendimento, atrelado a uma noção da natureza como elemento benéfico. A partir de uma visão mais desencantada do mundo, a mão humana foi produzindo um ambiente natural, que passaria a servir como espaço inovador de educação, que se somava à família, à escola, à igreja e às distintas associações culturais.

Esse domínio cada vez maior sobre a natureza resultou na realização de passeios, excursões e piqueniques, que, com ares urbanos, foram aos poucos sendo introduzidos na pequena cidade catarinense. Ao se direcionar o olhar para esses divertimentos, percebe-se que tais práticas foram potencializadas pela construção de novas imagens e interpretações sobre a cidade. A natureza e seus elementos passavam a ser vistos como bondosos e úteis para o desenvolvimento de novos processos educativos, levados adiante pelas diferentes associações existentes em Blumenau.

Sendo assim, o presente artigo finaliza indicando que as novas interpretações que os imigrantes alemães formularam em relação à natureza contribuíram para que os espaços junto à natureza fossem utilizados para a realização de alguns divertimentos. De um local que causava medo e apreensão, os espaços ao ar livre passariam a ser utilizados de uma maneira mais racional, com características típicas de uma sociedade que desejava ser cada dia mais moderna. Foi nesse contexto que práticas como a ginástica e os esportes se consolidaram em Blumenau. Porém tais questões são histórias para pesquisas futuras.

HEITOR LUIZ FURTADO

Possui Licenciatura Plena em Educação Física pela Fundação Universidade Regional de Blumenau FURB (2009). Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí UNIVALI (2012). Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2021). Coordenador do Curso de Educação Física da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

EVELISE AMGARTEN QUITZAU

Docente do curso de Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa. Foi docente da Licenciatura em Educação Física e do Programa de Mestrado em Educação Física do Instituto Superior de Educación Física, da Universidad de la República, Uruguai. É pesquisadora associada Nível 1 do Sistema Nacional de Investigadores da Agencia Nacional de Investigación e Innovación, Uruguai.

MARCELO MORAES E SILVA

Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, e dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física e Educação da mesma universidade. Contratado pelo governo francês para um posto pós-doutoral na Universidade de Rennes 2 (2022-2024). Pesquisador Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ-Brasil) nível 2.

REFERÊNCIAS

ALVES, D. B. Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro/Turíngia (1852-1853). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 155-184 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/qWYPRWc6Wn33pZMLxG856QK/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BLUMENAU, H. O. *A Colônia alemã de Blumenau na província de Santa Catarina no Sul do Brasil*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2002.

BURKE, P. *Testemunha ocular*. o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Unesp, 2017.

CORBIN, A. Histoire et anthropologie sensorielle. *Anthropologie et sociétés*, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 13-24, 1990.

CUNHA, J. L. D. Escrever histórias para convencer os outros: memórias, diários e cartas de imigrantes. *Revista Brasileira de Pesquisa*, Salvador, v. 3, n. 7, p. 235-256, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/4332>. Acesso em: 20 mar. 2023.

DER URWALDSBOTE. Blumenau, 7 out. 1910. Não paginado.

EINE TURNFAHRT NACH DEM SPITZKOPF BEI BLUMENAU IN SÜD-BRASILIEN. *Deutsche Turnzeitung*, [S. l.], n. 34, p. 829-830, 1904.

FURTADO, H. L.; QUITZAU, E. A.; MORAES E SILVA, M. A emergência das práticas esportivas na cidade de Blumenau-SC (1910-1920): um olhar sobre o futebol e o remo. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 1-20, 2022b. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/84461>. Acesso em : 20 mar. 2023.

FURTADO, H. L.; QUITZAU, E. A.; MORAES E SILVA, M. Da defesa e segurança à destreza e a eficiência: *Schützenverein Blumenau* e a emergência de uma cultura física em Blumenau (1859-1910). *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)*, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 67-86, 2022a.

FURTADO, H. L.; QUITZAU, E. A.; MORAES E SILVA, M. e. Blumenau e seus imigrantes: apontamentos acerca da emergência de uma cultura física (1850-1899). *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, p. 665-676, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/81849>. Acesso em : 20 mar. 2023.

FURTADO, H. L.; QUITZAU, E. A.; MORAES E SILVA, M. Entre rencontres et festivités: les clubs de tir et la mise en oeuvre d'une culture physique à Blumenanu/Brésil. In: LOUDCHER, Jean François; SUCHET, André; SOULIER, Pauline. (ed.). *Héritages sportifs et dynamiques patrimoniales*. Bordeaux: Presses Universitaires de la Méditerranée, 2021. v. 1, p. 387-405.

GRÜN, L. Plein air et jeux de plein air dans les écoles primaires de Metz (1919-1932). *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, e77081, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/rFtrDMwd4TQ4yvHwnSstgfM/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

IMIGRANTE. Cartas enviadas (1853). *Blumenau em cadernos*, Blumenau, Tomo XXXII, n. 9, p. 279, 1991a.

IMIGRANTE. Cartas enviadas (1854). *Blumenau em cadernos*, Blumenau, Tomo XXXII, n. 9, p. 279, 1991b.

IMIGRANTE. Cartas enviadas (1855). *Blumenau em cadernos*, Blumenau, Tomo XXXII, n. 9, p. 279, 1991c.

IMIGRANTE. Cartas enviadas (1856). *Blumenau em cadernos*, Blumenau, Tomo XXXII, n. 9, p. 279, 1991d.

IMIGRANTE. Cartas enviadas (1867). *Blumenau em cadernos*, Blumenau, Tomo IX, n. 10, p. 154, 1968.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Dados populacionais por cidade*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/blumenau/panorama>. Acesso em: 20 mar. 2023.

JORGE, T. P.; VAZ, A. F. Vida na natureza para alunos do Ginásio Santa Catarina: o piquenique como cultura modernizadora em Florianópolis (1906-1918). *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 75-94, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2016v13n1p75>. Acesso em: 20 mar. 2023.

KRISCHNER, R. Cartas enviadas (1856). *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, Tomo VII, n. 10, p. 200, 1966.

LUEBKE, F. *Germans in Brazil: a comparative history of cultural conflict during World War I*. London: Louisiana State University Press, 1987.

MACHADO, R. *De Colônia à Cidade: propriedade, mobilidade e ordem pública em Blumenau de fins do século XIX*. 2007. 220 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103133>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MEDEIROS, D. C. C.; SOARES, C. L. Uma natureza que educa: as estâncias hidrominerais no Estado de São Paulo (1930-1940). *Movimento*, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 949-962, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/71128>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MOOG, V. *Bandeirantes e pioneiros: um paralelo entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

MORAES E SILVA, M.; QUITZAU, E. A.; SOARES, C. L. Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 44, e178293, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/66cRtZ6CzBvVn9MmBYmj9zq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PERES, J. A.; NÖTZOLD, A. L. V. Os indígenas no século XIX: a selvageria nos (dos) discursos oficiais (1850-1880). *Ágora: Arquivologia em Debate*, [S. l.], v. 20, n. 41, p. 20-41, 2011. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/238>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PETRY, S. M. V. *Os clubes de caça e tiro na região de Blumenau: 1859-1981*. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1988.

QUITZAU, E. A.; SOARES, C. L. O ideário de vida ao ar livre nas sociedades ginásticas teutobrasileiras (1880-1938). *Pro-Posições*, Campinas, v. 30, e20170019, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/hxgPYwwrN9F8ptQvfjd5g8k/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2023.

ROSSBACH, R. F. *A música em Blumenau no início da colonização alemã (1863-1937)*. 2008. 175 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006a/00006af7.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SAINT-MARTIN, J. Les activités de nature à l'école: entre une approche vitaliste et un ancrage culturel. In: ATTALI, M.; SAINT-MARTIN, J. (org.). *A l'école du sport. Épistémologie des savoirs corporels du XIXe siècle à nos jours*. Louvain-la-Neuve: De Boeck, 2014. p. 23-49.

SEYFERTH, G. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C.; VASCONCELOS, N. (org.), *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: Ulbra, 1994. p. 11-28.

SEYFERTH, G. Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro. *Mana*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 61-88, 1999.

SEYFERTH, G. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: UnB, 1990.

SIRIANI, S. C. L. Os descaminhos da imigração alemã para São Paulo no Século XIX: aspectos políticos. *Almanack Braziliense*, São Paulo, n. 2, p. 91-100, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alb/article/view/11621>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SOARES, C. L.; SANTOS NETO, S. R. À sombra das árvores... respirando ar puro: educação e divertimentos junto à natureza na São Paulo dos anos 1920. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 34, e193539, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edur/a/zBst6NHhCMB4TZTZxg6WNXy/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2023.

STUTZER, T. Cartas enviadas (1886). *Blumenau em cadernos*, Blumenau, Tomo XXXIX, n. 5, p. 9, 1998.

THOMAS, K. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VIGARELLO, G. *Histoire des pratiques de santé: le sain et le malsain depuis le moyen age*. Paris: Seuil, 2020.

VILLARET, S.; SAINT-MARTIN, J. Écoles de plein air et naturisme: une innovation en milieu scolaire (1887-1935). *Movement & Sport Sciences*, [S. l.], v. 51, n. 1, p. 11-28, 2004.

WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEISE. Cartas enviadas (1855). *Blumenau em cadernos*, Blumenau, Tomo XI, n. 5, p. 96, 1963.

Recebido em: 23/10/2022.

Aprovado em: 28/06/2023.